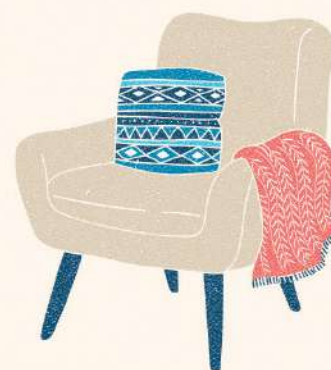


MAIS DE 500 MIL LIVROS VENDIDOS



# O Segredo da Dinamarca

Descubra como  
vivem as pessoas  
mais felizes  
do mundo



Helen Russell



SEXTANTE

## 1. JANEIRO

### *Hygge* e lar



Algo frio e mole cai sobre nós enquanto permanecemos parados no breu de uma pista silenciosa, tentando imaginar o que vem a seguir. Antes de embarcarmos, ouvia-se muito barulho, e o clima estava abafado, claro. Fomos empurrados, levamos esbarrões de outros passageiros, conduzidos de um lado para outro por funcionários de terra e embarcados em ônibus. No ar, fomos atendidos por comissários de uniforme azul-marinho impecável, oferecendo miniaturas e latinhas de Schweppes. Mas agora estamos aqui, sozinhos, parados na pista gelada, no meio do nada. Há algumas pessoas em volta, claro, mas não conhecemos nenhuma e todas falam uma língua que não entendemos. Tudo à nossa volta brilha como açúcar cristal, e o ar, tão frio e rarefeito, arranha o fundo da minha garganta quando tento respirar mais fundo.

– E agora? – começo a dizer, mas a voz é abafada pela neve. Meus ouvidos já doem de frio, então os cubro com o cabelo, fazendo-o de gorro. Funciona surpreendentemente bem, embora eu ouça ainda menos agora. Os lábios do Sr. Lego se movem, mas não entendo o que ele diz, e acabamos apelando para sinais manuais.

– Por aqui? – pergunta ele, gesticulando em direção ao prédio branco à frente.

Respondo com um joinha no melhor estilo filme colegial dos anos 1980: “Ok!”

Uma mulher com uma mala de rodinhas surge atrás de nós e se enca-minha resoluta na direção de um pequeno retângulo de luz. Seguimos seus passos, esmagando a neve com os pés. Aqui não há ônibus de traslado nem passarela coberta – os vikings, pelo visto, abrem o próprio caminho.

Meu marido aperta minha mão quase congelada e eu até tento abrir um sorriso, mas, com os dentes batendo, o gesto sai mais como uma careta. Eu sabia que ia pegar frio, mas isto aqui está além de qualquer expectativa. Bastaram noventa segundos exposta ao ar báltico para sentir o gelo corroer ossos. O nariz ameaça escorrer, mas logo para; já não sinto mais a ponta. *Ah, meu Deus, será que na Dinamarca até a meleca congela?*, me pergunto. Com alívio, entro na seção de controle de passaportes; lá consigo esquentar os dedos dos pés e das mãos com o calor relativo do ambiente.

Passamos por um letreiro gigante da cerveja mais famosa do país: *Bem-vindos à nação mais feliz do mundo!*

*Hum, penso. Veremos.*

Não conhecemos ninguém, não falamos dinamarquês e não temos onde morar. Toda a euforia do “tentar a sorte” e do “ano-novo, vida nova” deu lugar a um “ih, caramba, está rolando mesmo”. A ressaca dos dois dias de despedidas, com direito a um almoço regado a álcool, também não ajuda.



Sáímos da área de desembarque para um estacionamento escuro, congelado, em busca do carro alugado. A missão não é simples, já que todas as placas estão encobertas de geada. Quando finalmente encontramos a combinação certa de letras e números, seguimos viagem – no lado errado da estrada – até a Legoland. Depois de várias curvas erradas resultantes de placas de trânsito desconhecidas e parcialmente cobertas de neve, chegamos ao local que será nossa casa pelos próximos dias.

– Bem-vindos ao Hotel Legoland! – diz o recepcionista louro, alto e corpulento que nos recebe com um sorriso.

Seu inglês é perfeito, o que me alivia. Christian tinha garantido que a maioria dos dinamarqueses é fluente em outros idiomas, com a devida ressalva: eu não deveria contar com isso em áreas rurais, como é o caso da região onde estamos. Mas, até agora, está tudo certo.

– Colocamos vocês na Suíte da Princesa – informa o recepcionista.

– Suíte da Princesa? – repete o Sr. Lego.

– Como assim? É tipo uma suíte presidencial? – pergunto com esperança.

– Não, é *temática* – responde o rapaz, que gira o monitor para nos mos-

trar um quarto em tons pastel, com uma cama cor-de-rosa e cabeceira feita de torres de castelo em plástico moldado. – Viram?

– Uau. Sim, estou vendo...

– Para construir a suíte, foram usados 11.960 blocos de Lego!

– Certo. A questão é que...

– E tem *beliches* – acrescenta, com orgulho.

– Muito legal! É que... O problema é que não temos filhos...

O recepcionista parece confuso, como se a informação não fizesse muito sentido.

– É que as paredes têm decoração de borboleta...

Antes que ele possa nos oferecer um cálice de lágrimas de unicórnio, tento dissuadi-lo com delicadeza:

– Sério, deve ser uma graça, mas a gente não precisa de algo tão... chique. Não tem mais nada disponível?

Ele franze a testa, digita no teclado por alguns segundos e, em seguida, abre um largo sorriso:

– Posso colocar vocês na Suíte Pirata?



Passamos nossa primeira noite na Dinamarca sob uma enorme bandeira pirata. Na suíte há uma caixa de fantasias e todo tipo de adereços, com direito a papagaios e moedas de ouro. Pela manhã, o Sr. Lego sai do banheiro usando um tapa-olho. Mas, à luz do dia, tudo parece melhor. Sempre parece. Ao abrir as cortinas, nos deparamos com um mundo novo, branco e brilhante. Piscamos várias vezes até assimilar a cena. Fortalecidos por um farto café da manhã, que inclui nosso primeiro contato com arenque em conserva, uma iguaria nacional, nos sentimos prontos para começar a cumprir a lista de tarefas necessárias para recomeçar a vida num país novo. Então, saímos.

A nevasca se intensificou, passando de flocos delicados dignos de um filme de Richard Curtis para a tempestade de um globo de neve sacudido com força por uma criança irritada. O céu despeja tudo de uma vez rapidamente, de todos os lados. Voltamos para dentro, vestimos todas as peças de roupa que trouxemos e, uma hora depois, ressurgimos parecendo bonecos da Michelin, mas prontos para começar o dia.

No carro alugado, me forço a lembrar que agora a marcha não fica mais à esquerda e que devo dirigir pela pista da direita, enquanto o Sr. Lego lê, com seriedade, a extensa lista de afazeres que a gerente de RH lhe enviou, atenciosamente, por e-mail. Pasmem: o documento tem dez páginas e, segundo consta, é apenas a fase inicial.

– A primeira coisa que precisamos fazer é tirar as carteiras de identidade – anuncia ele –, porque, sem elas, *tecnicamente* nós não existimos aqui.

O sistema de identidade que os britânicos criticaram durante anos, até ser abolido em 2010, faz parte do cotidiano dos dinamarqueses há muito tempo. Desde 1968, todo cidadão é registrado no Registro Populacional Central e recebe um número pessoal composto pela data de nascimento seguida de quatro dígitos, terminando em número par, se você for mulher, ou ímpar, se for homem. Esse número aparece em um cartão plástico amarelo, que deve estar SEMPRE COM O PORTADOR (como frisou a gerente de RH, em maiúsculas no e-mail). Esse número serve para tudo: abrir conta em banco, marcar uma consulta com um médico, alugar um apartamento e até pegar livros emprestados. (Supondo que conseguíssemos ler em dinamarquês. Ou que soubéssemos onde ficava a biblioteca. Ou que soubéssemos dizer “biblioteca” em dinamarquês.) Vou ter até um código de barras contendo meu histórico clínico. Isso tudo parece ser de uma eficiência tremenda. E, provavelmente, bem simples, se ao menos soubéssemos como agir ou como chegar à agência de atendimento que faz esse registro. Como não sabemos, perdemos a manhã inteira nessa primeira missão. Ainda assim, estamos no lucro: cidadãos de fora da União Europeia enfrentam meses de espera pelos cartões de residência que precisam ser renovados a cada dois anos. Ser imigrante não é para quem foge de burocracia.

Missão seguinte: abrir uma conta no banco. Na agência local (a única), um homem elegante, de cabelo cortado rente e óculos escandinavos quadrados nos recebe de maneira efusiva, dizendo que se chama “Alan” antes de apontar para o crachá. Percebo que é “Allan”, com dois “l”, à dinamarquesa. Allan com dois “l” nos informa que será o responsável pela nossa conta. Em seguida, nos serve café e nos deixa escolher bombons de uma caixa. Estou justamente pensando em como tudo isso é civilizado e acolhedor, se comparado ao atendimento que eu recebia nos bancos na Inglaterra, quando Allan solta:

– Então, quer dizer que vocês estão sem dinheiro aqui na Dinamarca?  
– Chegamos ontem – responde o Sr. Lego. – Ainda não começamos a trabalhar, mas aqui está o meu contrato de trabalho, meu acordo salarial e a data prevista de pagamento.

Ele entrega os documentos a Allan, que os avalia com atenção. Por fim, o gerente diz:

– Vou emitir um *Dankort* para vocês.  
– Que ótimo! Mas o que é isso? – pergunto.  
– É o cartão de débito dinamarquês, para quando vocês tiverem dinheiro. Mas só funciona na Dinamarca. Não tem função de crédito nem cheque especial.

– Não tem *função de crédito*?

Recebo ofertas de cartão de crédito no Reino Unido desde que saí da escola sem um centavo no bolso. Crise financeira global à parte, para minha geração, ter um cartão de crédito é quase um direito humano básico. Viver no crédito é um estilo de vida. E agora vão nos impor abstinência total?

– Pois é, não tem cartão de crédito – confirma Allan, sem rodeios. – Mas, quando vocês tiverem saldo na conta, podem fazer saques usando isto aqui! – E exhibe um cartão de conta-poupança de aparência rudimentar.

*Dinheiro!* Não carrego dinheiro vivo desde 2004. Sou como a rainha Elizabeth II, só que, no meu caso, uso cartão de banco e tenho uma queda por sapatos pouco práticos. E agora vou ter que viver num mundo movido a cédulas verdes, cor-de-rosa e roxas que parecem o dinheiro do Banco Imobiliário, e moedas prateadas esquisitas com furos no meio? Eu ainda nem aprendi a contar em dinamarquês! Mas Allan com dois “1” permanece impassível.

Ele balança o retângulo de plástico como se devêssemos nos sentir honrados por ele ter confiado alguma coisa a nós e diz:

– Com este cartão, vocês podem acessar o banco pela internet e entrar em sites do governo. – Me senti importante. Por um momento, penso que estamos falando de informações ao estilo CIA-Snowden, mas Allan logo esclarece: – Sabe, para pagar contas, esse tipo de coisa.

Com a conta bancária criada (apesar de zerada), podemos oficialmente começar a procurar um imóvel para alugar. Uma agente de realocação vai nos ajudar nessa missão, mas, como temos umas horas livres antes de nos encontrarmos com ela, o Sr. Lego sugere um passeio de reconhecimento

pela cidade mais próxima. Uma cidade de tamanho normal, se decidirmos que a cidade de brinquedo não é para nós.

Percorrendo as ruas desinteressantes de Billund, repletas de bangalôs idênticos que mais parecem uma base militar temática de brinquedo, eu já tinha decidido: aquela cidade de brinquedo não era para nós. Eu esperava que a próxima parada tivesse mais a ver com a gente. E, de cara, parecia ter. Havia lindas mansões de tijolos vermelhos, prédios públicos simpáticos, ruas de paralelepípedos e butiques interessantes mescladas com lojas de departamento. Parecia uma Guildford escandinava. Depois de algumas voltas pela “rua principal”, porém, começamos a desconfiar: será que rolou um apocalipse nuclear e só avisaram em dinamarquês?

– Não vimos ninguém por... – digo e olho o relógio – ... *vinte minutos*.

– Sério? Tudo isso?

– Sim. As únicas coisas remotamente humanas foram aquelas esculturas de corpos nus com cabeças de cavalo e gato, naquela fonte esquisita umas ruas atrás.

– A versão pornopônei da Anita Ekberg na Fontana di Trevi do “centro da cidade”? – O Sr. Lego faz aspas com as mãos, para deixar claro o que achou da próspera metrópole.

– Essa mesma. O pornopônei e os gatos peitudos.

– Eca.

Depois, soubemos que aquela estátua era uma homenagem a Franz Kafka. *Ele deve ter ficado muito satisfeito*, penso. Passamos em frente a outras lojas, todas fechadas ou vazias, e casas que pareciam abandonadas, exceto pelo tênue bruxulear de velas solitárias dentro delas.

– Isso não é normal, né? Tipo, cadê todo mundo? – pergunto.

– Eu... não sei...

Verifico as manchetes no celular: não teve nenhum incidente atômico. A Terceira Guerra Mundial não foi declarada nem houve anúncio de um surto viral alarmante. Com a ameaça de morte iminente eliminada, o Sr. Lego sugere pararmos para tomar algo e ver se o clima melhora. Mas não conseguimos encontrar um bar. Nem um pub. Nada que estivesse a) aberto, e b) não fosse McDonald’s ou quiosque de sanduíche árabe. Por fim, encontramos uma padaria que também serve café. Na esperança de que os carboidratos deem uma forcinha, sugiro pedir “um de cada” do cardápio.

O salão está vazio. Ficamos de pé esperando o atendimento, mas a funcionária atrás do balcão não reage.

– Oi! – digo.

A mulher desvia o olhar e põe-se a reorganizar uma cesta de pães. O Sr. Lego tenta apontar para algumas coisas com a sobrancelha erguida (símbolo universal do “me dá um desse, por favor?”), até que ela finalmente faz contato visual. Sorrimos. Ela não. Limita-se a apontar para o visor de LED mostrando o número 137 e depois para uma maquininha de senhas atrás de nós. Diz algo em dinamarquês.

Não estou na fila para comprar presunto nos anos 1980. Eu só quero comprar um lanche com ela. Numa loja vazia. É sério que ela quer que eu pegue uma senha? Ou está mostrando que já passaram 136 pessoas aqui hoje? Ou que *existem* 136 pessoas na cidade?

A atendente cruza os braços, como quem diz: “Quer o seu folhado amanteigado? Trate de seguir as regras.” Reconhecendo a derrota, dou três passos para a direita, pego uma fichinha branca com o número 137 da máquina e retorno ao balcão. Ela faz um leve aceno com a cabeça, pega a ficha e descruza os braços, sinalizando que o atendimento pode começar.

Assim que fazemos o pedido, o Sr. Lego recebe uma ligação da supervisora de RH, solícita até demais. Ele sai para falar, longe do barulho do vaporizador de leite, e eu escolho uma mesa para nós e nossa farta seleção de acepipes.

– Não começa sem mim, hein? – diz sério, cobrindo o telefone com a mão.

Ele tem seus motivos: tenho fama de não ser nada confiável perto de doces. Sinto o estômago se agitar de ansiedade e não sei como vou resistir até ele voltar. Para me distrair, pesquiso “choque cultural Dinamarca novo país” no Google e sorvo o café em goles furiosos.

Descubro que os dinamarqueses lideram o consumo de café na Europa e que a média anual é de 11 litros de bebida alcoólica por pessoa. Pode ser que a gente se adapte bem aqui, no fim das contas. Melhor ainda: encontro o site da coach de integração cultural Pernille Chaggar e decido que é exatamente disso que preciso para começar meu ano vivendo “à dinamarquesa”. Turbinada pela segunda xícara do forte café dinamarquês, ligo para Pernille e a convido a participar do meu Projeto Felicidade. Muito gentil, ela aceita – e não exige que eu pegue uma senha para retornar a ligação.

Depois de se surpreender com nossa mudança de Londres para a zona rural da Jutlândia, ela lamenta termos feito isso em janeiro.

– O inverno é uma época bem difícil para quem vem de fora – explica. – É um período muito reservado, muito familiar. Os dinamarqueses se recolhem muito, física e emocionalmente, de novembro a fevereiro. Não se assuste se não vir muita gente na rua, ainda mais fora dos centros urbanos.

*Ah, que maravilha.*

– Mas então cadê todo mundo? O que estão fazendo?

– Estão de *hygge* – responde, com um som que parece um engasgo.

– Hein?

– *Hygge*. É uma coisa típica da Dinamarca.

– E o que significa?

– Difícil explicar, mas todo dinamarquês conhece. É tipo um momento de aconchego.

Não esclareceu muita coisa.

– Mas é um verbo? Ou um adjetivo?

– Pode ser as duas coisas – responde Pernille. – Tipo ficar em casa curtindo um clima intimista, à luz de velas, é *hygge*.

Comento sobre as ruas desertas e as velas acesas em várias janelas por onde passamos. Ela confirma: é porque todo mundo está em casa, de *hygge*. As velas, aliás, são essenciais – os dinamarqueses queimam mais velas por habitante do que qualquer outro povo do mundo.

– Mas *hygge* é mais um conceito. Por exemplo, padarias e cafés são *hygge*.

*Bingo!*, penso, de olho nos doces.

– Jantar com os amigos também é *hygge*. Dá para ter momentos de *hygge*. Geralmente com uma bebidinha.

– Ufa...

– Também tem a ver com o clima e a comida. Quando o tempo está ruim, você fica em casa, no aconchego, cercado de comida gostosa, iluminação suave e bebidinhas. No Reino Unido, vocês têm os pubs para socializar. Aqui, a gente prefere receber a família e os amigos em casa.

Respondo que não tenho casa aqui. Nem amigos. E, a menos que haja uma virada radical e minha mãe resolva sair de Berkshire e vir para a Dinamarca, também não terei parentes tão cedo por aqui.

– E como um recém-chegado consegue vivenciar essa coisa do *hygge* do jeitinho dinamarquês?

– Não consegue.

– Ah.

– É impossível – responde.

Quando estou quase me entregando ao desespero e desistindo de tudo, ela repensa e admite que talvez eu consiga, *caso* me esforce.

– Para um estrangeiro, vivenciar o estado de *hygge* é um processo. Australianos, britânicos e americanos estão mais acostumados a imigrantes, são mais abertos a conhecer gente nova e a puxar conversa. Só que aqui na Dinamarca nós não somos bons de papo. No inverno a gente se recolhe – explica, me dando uma pitada de esperança. – Mas melhora na primavera.

– Certo... E quando é que começa a primavera?

– Oficialmente? Em março. Mas na prática só em maio.

*Que maravilha.*

– Mas, enfim, levando tudo isso em consideração... – preciso perguntar, depois do retrato sombrio que ela acabou de pintar. – Você concorda com todos esses estudos que afirmam que a Dinamarca é o país mais feliz do mundo? Você é feliz?

– Feliz? – Percebo ceticismo na voz de Pernille, e acho que ela vai dizer que essa história de “dinamarqueses felizes” é um exagero, mas ela responde: – Eu diria que sou dez de dez. A cultura dinamarquesa é ótima para crianças. A melhor do mundo. Não consigo imaginar lugar melhor para estabelecer minha família. Você tem filhos?

– Não.

– Ah – responde, com uma entonação que sugere “nesse caso, você está realmente ferrada...” – Bem, boa sorte com o *hygge*!

– Valeu.



O Sr. Lego volta da rua com os lábios azulados e levemente trêmulos. Anuncia que o fabricante de brinquedos e seus elfos estão prontos para recebê-lo e que começará a trabalhar daqui a uma semana e meia, para dar tempo de

nos instalarmos. Digo que essa parte talvez não seja tão simples quanto parece e conto sobre minha conversa com Pernille.

– Interessante – comenta, quando termino de relatar.

Ficamos calados por um tempo, olhando para o prato cheio de carboidratos reluzentes diante de nós. Depois de alguns instantes, o Sr. Lego se ergue, tira os óculos e os apoia na mesa com ar estoico. Pigarreia como se estivesse prestes a dizer algo de suma importância.

– Como você acha – começa ele – que os dinamarqueses chamam este folhado que lá na Inglaterra a gente chama de *dinamarquês*? – pergunta segurando um folhado para inspecionar.

– Hein?

– Não dá pra eles chamarem de “dinamarquês” aqui, certo?

– Boa observação.

Seguindo a grande tradição da repressão britânica, ignoramos a possível futilidade e solidão da nossa nova existência e nos agarramos a esse novo tópico com entusiasmo. O Sr. Lego começa a pesquisar no Google, e eu abro nosso único guia em busca de informações.

– Arrá, olha! – digo, apontando. – Aparentemente, eles são conhecidos como *wienerbrød*, ou “pão de Viena”, por causa de uma greve dos padeiros dinamarqueses, quando os donos de padarias contrataram austríacos que, por acaso, faziam bolos e doces excepcionais. Então, quando esse folhado chegou aos Estados Unidos...

– Como?

– Como o quê?

– Como é que ele *chegou*?

– Não sei, de *navio*? Usou o passaporte especial de doces. De qualquer forma, quando chegou aos Estados Unidos, passou a ser chamado de *Danish*, “dinamarquês”, e o nome pegou.

Paro de ler ao perceber que o Sr. Lego aproveitou a oportunidade para se adiantar e encher a boca, e eu não quero ficar para trás.

– Este é um *kanelsnegle* ou rolinho de canela. – Ele aponta para a delícia espiralada, densa e polvilhada com canela, cuja metade acabou de devorar.

Antes que ele dê cabo de tudo, pego o que sobrou e cravo os dentes rapidamente. Fico em êxtase! Minhas papilas gustativas despertam, e a dopamina começa a circular no meu corpo.

– Que *espetáculo*... – murmuro enquanto mastigo.

Nada a ver com os folhados “dinamarqueses” ressecados e adoçados artificialmente que eu comia na Inglaterra. Este é leve e encorpado ao mesmo tempo. É puxado para o azedinho, mas também é doce, com sabores intensos e complexos que se revelam um a um. A massa é crocante, macia e consistente. Por um momento, sou transportada para outro mundo, onde tudo é feito de açúcar e ninguém fica bravo, ninguém precisa trabalhar e lavar a louça, ninguém dá topada nos dedinhos e sorrir é obrigatório. Devoro o resto antes de me recostar, maravilhada com a nova descoberta.

– Pois é! E esse é só o mais básico. Eles também fazem de chocolate. E tem outros bem mais elaborados naquele lado do balcão – diz o Sr. Lego, apontando.

– Esse que nós comemos foi o *folhado mais básico*? – Bato a mão besuntada na testa. – Ah, meu Deus! Até a Páscoa só vou usar calça com elástico na cintura. Mas esqueça a dieta pós-Natal – digo, enquanto como o segundo folhado. – Se a vida à dinamarquesa é assim, vamos sobreviver. E não me importo com o que a Pernille diz. Vamos alcançar o *hygge*, custe o que custar.

– Ainda não tenho ideia do que isso significa – responde o Sr. Lego –, mas eu topo.

E, para selar o acordo, abocanha mais um *snegle*.



De posse de vários milhares de calorias a mais, saímos da padaria para ir encontrar nossa agente de realocação – uma mulher magra, com cabelo louro platinado preso no obrigatório coque alto escandinavo, jaqueta de couro preta sob um casaco grosso de plumas de ganso e uma calça que parece distintamente inflamável. Ela agendou várias visitas para conhecermos casas dinamarquesas, e ficamos fascinados ao descobrir que todas são incrivelmente parecidas: paredes brancas, pisos de tábua clara com aquecimento embutido e nenhum objeto fora do lugar. Além disso, os ambientes são bem quentinhos. Os moradores da Jutlândia, ao que parece, gostam de usar apenas uma camiseta em casa, mesmo em janeiro. Em cada casa onde entramos, já na soleira temos que nos despir dos cachecóis e casacos pesados para nos adaptar ao calor tropical que faz lá dentro. Vivemos os úl-

timos cinco anos em um apartamento eduardiano com péssimo isolamento térmico e, tendo ouvido a vida toda “se estiver com frio, ponha mais um casaco até não conseguir mais mexer os braços”, tamanha extravagância no aquecimento central me parece quase criminosa.

– Mas que calor... – murmuro para o Sr. Lego, com a boca cheia de lã merino, já começando a me despir na segunda casa que visitamos.

– Sim, por que será?

Ele puxa a gola para liberar o ar quente e limpa as lentes embaçadas dos óculos.

Fico pensando se os dinamarqueses sempre investiram em casas superaquecidas por causa do frio extremo. Parece que quanto mais gelado é o clima de um lugar, mais bem preparado seu povo está para enfrentá-lo. Talvez o inverno britânico, que é brando e úmido, tenha nos impedido de perceber isso. Apresento essa teoria ao Sr. Lego, mas a agente de realocação, ouvindo a conversa, nos interrompe.

– Os dinamarqueses são famosos pelos sistemas de aquecimento central – explica. – Temos portas e janelas muito boas para fazer o isolamento térmico – diz, apontando para um exemplo de cada, caso não tenhamos entendido. – Na Inglaterra, pelo que sei, vocês têm problema com as correntes de ar, né? – comenta sem esconder a repulsa. – Os dinamarqueses jamais tolerariam esse tipo de coisa. – Ela continua a explicação: um elaborado sistema de aquecimento distrital utiliza o calor gerado por queima de lixo, energia eólica e aquecimento solar para aquecer os pisos de tábua de pinheiro usados em quase todas as casas da região. – Como ele é muito eficiente, não há necessidade de desligá-lo! – explica, como se fosse a lógica mais simples do mundo. Não sei se é assim que o consumo sustentável de energia deveria funcionar, mas fico impressionada com o que vejo.

Cada casa quentinha que visitamos também é impecavelmente limpa, minimalista, repleta de toques de designer. Uma inquilina orgulhosa, que se gaba de deixar as superfícies sempre livres de bagunça e o lar organizado e zen, abre as gavetas da cozinha para nos mostrar o sistema de fechamento suave. Seus utensílios da gaveta estão organizados com a mesma precisão impecável do restante da casa.

– Isso não pode ser normal! – sussurro para o Sr. Lego, enquanto seguimos para o cômodo seguinte.

Na nossa cozinha de Londres, não dava para abrir os armários sem proteger o rosto, sob o risco de cair alguma coisa na nossa cara. Um dos armários vivia cheio de potes e tampas toscamente amontoados, sempre prontos para se lançar sobre o primeiro corajoso que ousasse abri-lo. Mas, aqui na Dinamarca, as casas são todas organizadas e impecáveis.

– Essas pessoas são *inquilinas*, certo? – pergunto à agente de realocação.  
– Elas recebem um incentivo para dar uma arrumada antes das visitas?

Ela parece confusa.

– Arrumar? Como assim? Você diz antes de receber visitas? É assim que funciona com os britânicos? – Ela franze o cenho. – Os dinamarqueses tentam deixar as casas agradáveis *sempre*.

Sinto uma necessidade urgente de explicar que nós, britânicos, também *tentamos* fazer isso. Não é como se a gente saísse espalhando cocô nas paredes só para fazer graça. Percebendo minha leve irritação, o Sr. Lego pousa a mão com delicadeza no meu braço, me pedindo tacitamente para deixar essa passar. A Srta. Cara de Censura então nos informa que, na Dinamarca, é costume tirar os sapatos antes de entrar nas casas e deixar os pares empilhados direitinho em prateleiras junto à porta.

– Isso serve para evitar que o pó e a sujeira da rua se espalhem pela casa – explica para o Sr. Lego, pois, pelo visto, ela já largou de mão a esposa desleixada.

Não demora a ficar claro que a limpeza é um aspecto fundamental da “dinamarquesidade”. O design elegante, funcional e fácil de limpar está em toda parte: dos vasos sanitários suspensos, com caixas embutidas em paredes falsas, aos guarda-roupas e luminárias embutidos que parecem ter saído de uma galeria de arte minimalista. O lado negativo? Eles não têm banheiras. A Srta. Cara de Censura informa que, na Dinamarca, todos arrancaram as banheiras há mais de uma década para adotar um visual mais moderno.

– Além disso, o banho de chuveiro é mais higiênico – afirma com convicção.

Para mim, isso é um golpe no meu projeto pessoal de felicidade. *Como é que alguém, sobretudo um país inteiro, pode ser feliz sem banheiras?* Percebendo minha decepção, o Sr. Lego garante que podemos procurar uma versão com pés, à la *Downton Abbey*, e a adiciona à crescente lista de itens absolutamente essenciais para nossa nova casa dinamarquesa.

No final do primeiro dia da nossa grande caçada por um lar, começo a me perguntar se essa obsessão por ambientes limpos, claros e elegantes realmente influencia a famosa qualidade de vida dos dinamarqueses. Curiosa, entro em contato com Anne-Louise Sommer, diretora do Museu de Design da Dinamarca, e peço sua opinião. Anne-Louise dedicou anos a estudar a relação entre o design de móveis, a cultura, a identidade nacional e a ideologia e chegou a algumas conclusões:

– A sociedade dinamarquesa valoriza muito o design, e isso é uma coisa que influencia diretamente a felicidade coletiva – afirma.

Ela explica que a estética refinada do país teve como referência a escola alemã Bauhaus e que, desde os anos 1920, o design de qualidade faz parte da tradição local.

– A Dinamarca passou por uma recessão econômica e enfrentou imensos desafios sociais, mas o governo da época determinou que o design era uma alta prioridade. Eles reconheceram que era importante para o bem-estar e a felicidade – esclarece.

Pelo visto, os dinamarqueses estavam décadas à frente do seu tempo. Em 2011, cientistas da Universidade College de Londres estudaram esse fenômeno e confirmaram que olhar para algo bonito de fato eleva nosso nível de felicidade porque ativa a dopamina (*assim como comer doces!*, não consigo evitar de pensar). Os estudos mostram que a arte e o design de alta qualidade podem provocar reações cerebrais comparáveis às de uma pessoa apaixonada. E a Dinamarca já sabia disso há mais de noventa anos.

– Para um governo jovem e social-democrata, era crucial incluir um design de qualidade no projeto de regeneração habitacional – diz Anne-Louise.

Grandes nomes como o arquiteto e designer Arne Jacobsen (famoso pela Poltrona Egg), o mestre da iluminação Poul Henningsen e os criadores de mobiliário Hans Wegner e Finn Juhl fizeram seu nome e levaram o design dinamarquês ao público internacional. Pergunto a Anne-Louise se o dinamarquês comum valoriza o excelente design do país. Ela reflete por um instante.

– Se você perguntar às pessoas na rua, muitas talvez não consigam articular essa questão de cultura e design, simplesmente porque nunca precisaram *pensar* nisso. Essa relação já está internalizada na consciência. Estamos acostumados a viver em ambientes agradáveis, e isso começa já no início da vida. As crianças chegam à escola e se veem imersas em arquitetura e

mobiliário de qualidade e, assim, desde cedo, desenvolvem a compreensão de que um design funcional e bonito é essencial para alcançar uma vida plena. Depois, quando crescem e trabalham em escritórios ou espaços públicos, quase todos os dinamarqueses já terão vivenciado ambientes de alta qualidade que combinam design e funcionalidade.

Entendo o que ela quer dizer. Os espaços públicos que vi até agora receberam muito investimento, com detalhes arquitetônicos e elementos de design peculiares por toda parte (com exceção do chafariz do “pornopônei”).

– E, claro, o clima também tem seu papel nisso tudo – pontua Anne-Louise. – Durante os longos invernos, passamos tanto tempo dentro de casa que investimos mais no nosso lar. Se é para passar tanto tempo em casa, que ela seja um lugar agradável!

E será que um lar bem decorado pode, de fato, nos deixar mais felizes? Anne-Louise acredita que sim.

– A meu ver, existe uma ligação direta entre o ambiente estético e a forma como nos sentimos.

Ela me diz que trabalhar o dia todo no museu, cercada de arte, certamente a deixa feliz. Como ela se classificaria numa escala de felicidade de zero a dez?

– Talvez nove – responde, mas logo se corrige: – Mas não consigo pensar em nada que me faria mais feliz hoje, então talvez eu seja um dez.



Inspirados a criar um lar feliz com um toque do design dinamarquês, agora só precisamos decidir qual das recomendações da Srta. Cara de Censura vamos seguir. Reduzimos a lista a duas opções: um apartamento na “Cidade Grande”, perto do pornopônei (minha escolha), ou uma casa à beira-mar (a preferência do Sr. Lego) nos terrenos de um antigo edifício institucional de tijolos vermelhos que, segundo a Srta. Cara de Censura, já foi um hospital.

O Sr. Lego adora o campo e as vastas paisagens com o menor número possível de pessoas, algo que atribuo à sua criação na Escócia rural e na região de Yorkshire Moors. Por outro lado, minha ideia de “voltar à natureza” se resume a fazer um passeio à beira do rio em Hammersmith. E assim, sem nenhuma surpresa, estamos tendo dificuldade para chegar a um acordo.

– A vida aqui nunca vai ser como a de Londres – argumenta o Sr. Lego.  
– Então, qual é o sentido de morar em uma cidade que é uma porcaria em comparação com a cidade cosmopolita à qual estamos acostumados? [Povo da Jutlândia, peço desculpas por ele.] Podemos muito bem aproveitar essa oportunidade para morar à beira-mar!

*Para ele é fácil, penso. Vai sair todo dia para trabalhar, e eu vou ficar aqui presa, trabalhando em casa, acompanhada apenas pelo cachorro e as ondas do mar.*

Nós já tínhamos conversado sobre a ideia de um dia morar à beira-mar, mas, na minha cabeça, isso aconteceria: a) quando tivéssemos uns 100 anos; b) em uma casa geminada elegante, enfiada entre um café chique e, talvez, uma padaria artesanal em Brighton, Hove ou algo assim. O sol estaria sempre brilhando, e receberíamos muitas visitas. Nossa casa à beira-mar nunca seria, nem mesmo nas minhas fantasias mais melancólicas, um antigo hospital na Dinamarca rural. No inverno.

E, no entanto, de alguma forma ele consegue me convencer. Ou me suborna com a promessa de uma vida inteira repleta de doces. Ou me faz ficar bêbada. Ou *algo assim*. Porque, na manhã seguinte, descubro que concordamos – e recebemos um e-mail da transportadora confirmando que vão entregar nossos pertences em Cafundó-à-Beira-Mar na terça-feira que vem.

Quatro vikings musculosos descarregam 132 caixas de um contêiner antes de tirar os sapatos e estender tapetes no piso de tábua, para protegê-lo. Enquanto desencaixotam nossos pertences, vão comentando cada item que passa por suas mãos. Sobre um vaso, ouvimos um deles comentar:

– Gostei deste. Dos outros, nem tanto.

Sobre um quadro, de forma enigmática:

– Foi caro?

– Não.

– Que bom.

As caixas da mudança foram etiquetadas de acordo com o cômodo de onde vieram, e fico encantada quando descubro que o conteúdo do meu guarda-roupa de Londres foi rotulado com o nome “Vestidos de lady Russell” (espero que, futuramente, mais pessoas me tratem pelo meu título oficial). As roupas são levadas de maneira civilizada para o quarto, onde mais tarde descubro que o conteúdo da gaveta de calcinhas foi – nesse caso, sem

nenhuma civilidade – todo espalhado por cima da cama recém-montada e que meu sutiã de renda azul-marinho sumiu. Mas, além de possíveis ladrões de roupa de baixo, eles são os carregadores mais educados, articulados e cultos que já conhecemos e nos fazem várias perguntas sobre política de coalizão, o que achamos do cabelo de David Cameron (que, descobro, é motivo de muitas risadas por aqui) e nossa opinião sobre a União Europeia.

Depois que eles vão embora, resolvemos nos informar melhor a respeito da situação política na União Europeia, para não sermos desmoralizados no futuro. E também começamos a reorganizar nossos pertences e encontrar lugar para coisas que nem lembrávamos mais que tínhamos. É então que percebo, horrorizada, que tudo chegou imundo.

– Você acha que foi por causa do trajeto? – pergunto esperançosa, tentando lustrar o tom turvo e acinzentado da nossa estante branca.

– Pode ser – responde o Sr. Lego, com ceticismo. – Ou pode ser que, como nosso apartamento ficava no subsolo, nunca tenhamos reparado que estava tudo muito sujo.

Digo que prefiro a minha versão dos fatos, e nos pomos a ensaboar as manchas visíveis, me perguntando se um dia atingiremos os padrões dos dinamarqueses, tão orgulhosos de suas moradas. Depois de algumas horas de esfrega-esfrega, conseguimos móveis semilimpas, mas a verdade é que não temos quantidade suficiente para preencher o novo espaço. Acontece que o tipo de espaço que dá para bancar no centro de Londres só exige cerca de metade da mobília de uma casa dinamarquesa média. Quando o sol começa a se pôr, por volta das três da tarde, descobrimos que ficaremos no escuro. Na Dinamarca, quando alguém se muda, é costume levar não só as lâmpadas, mas também as *luminárias*. Não há um único lustre à vista no teto, e não faço ideia de como começar a dar conta do emaranhado de fios expostos que brotam de vários pontos no teto.

Então, fazemos um chá à luz de lanterna e nos resignamos ao fato de que teremos que sair para fazer compras. O Sr. Lego está encantado. Sendo um homem de Yorkshire que gosta de atividades ao ar livre e de trabalhos manuais, ele sempre foi também obcecado por design de interiores. Depois de anos “deixando passar” e permitindo que todos presumissem que a assinatura da revista *Livingetc* e a aparência bonita da nossa casa fossem méritos meus, ele finalmente se revelou – fazia *mood boards* e álbuns de scrapbook,

o pacote completo! – e admitiu essa paixão secreta. Sua expectativa agora é de que, no próximo ano vivendo à dinamarquesa, ele consiga manifestar isso com mais plenitude, para que possa se assumir, sentir orgulho e ter uma iluminação elegante. Já seduzido pela estética nórdica, ele decide que quer encher nossa nova casa com todo tipo de peça de designer a preços exorbitantes. Temendo que nunca mais possamos comprar *snegles* se eu deixar o Sr. Lego gastar os tubos, ligo para uma especialista em design de interiores para ter uma ideia melhor dos itens essenciais que realmente valem a pena para deixar nossa casa *hygge*.

Charlotte Ravnholt, da maior revista de interiores da Dinamarca, *Bo Bedre*, sugere manter a simplicidade:

– Não há necessidade de enlouquecer comprando um monte de coisas logo de cara só para ter o visual dinamarquês – diz ela. – O mais comum aqui seria começar com alguns itens-chave e combinar com o que você já tem.

É um bom começo! Então, do que precisamos primeiro?

– Bem, nas casas dinamarquesas, nós usamos muitos materiais naturais, como madeira e couro, e costumamos ter muitas luminárias. Na maior parte do mundo, elas ficam no meio do cômodo, mas aqui enrolamos os fios para posicioná-las e criar focos de luz ou novas áreas de *hygge*, que é aquela sensação de aconchego. E seria legal pensar também em luminárias pendentes, de piso e de mesa.

Anoto tudo num bloquinho. O Sr. Lego, que está esticando o ouvido para ouvir nossa conversa, se inclina para mais perto, e chego ao ponto de precisar afastá-lo antes de escrever: *Ela está dizendo que precisamos apenas de ALGUMAS PEÇAS-CHAVE.*

Largo a caneta para voltar a dar atenção total a Charlotte. Quando olho para o bloco, vejo que o Sr. Lego adicionou um ☹ ao final do meu recado e saiu, de mau humor, à procura de mais maneiras de gastar o dinheiro que ainda não temos em coisas de que não precisamos para a casa que nem é nossa.

Pergunto a Charlotte sobre a questão do *hygge*, e ela me diz que as casas dinamarquesas geralmente têm mantas ou cobertores no sofá para dar um aconchego extra, além de muitas almofadas.

– Os dinamarqueses têm até almofadas separadas para o verão e o inverno – explica. – Há um mercado forte para isso aqui. Quando o orçamento

está apertado e não dá para investir num móvel novo, a alternativa é gastar 500 coroas numa almofada incrível que vai deixar a sala de cara nova.

Mais de 90 dólares por uma *almofada*? Ainda me parece um tanto salgado, e me pergunto se sou muito mão de vaca para este país tão estiloso.

– Quer dizer que o dinamarquês médio gasta muito com a casa? – pergunto.

– É, acho que priorizamos gastos com decoração e design, sim. Antes da crise financeira, as estatísticas mostravam que éramos a nação com o maior *per capita* de gastos com móveis no mundo. Além disso, os dinamarqueses valorizam muito o bom design, o artesanato e peças de qualidade. Queremos comprar algo que possamos usar por muitos anos e passar para os filhos.

Ela cita alguns dos grandes nomes do design dinamarquês, de Arne Jacobsen a Finn Juhl e Poul Henningsen – nomes com os quais estou vagamente familiarizada por ter conversado com Anne-Louise e pela tara oculta por decoração do Sr. Lego. Eu teria dificuldade em identificar o trabalho deles ou reconhecer uma luminária de Poul Henningsen no meio de outras a essa altura do campeonato, mas Charlotte me diz que a maioria dos dinamarqueses conhece bem o trabalho dos designers compatriotas.

– Na Dinamarca, todos sabem quem é Arne Jacobsen, conhecem o trabalho dele, não é uma coisa nichada, só de quem curte design – diz ela.

A ideia de que o design faz parte da consciência nacional me ajuda a entender por que as casas dinamarquesas que vimos parecem saídas de páginas de revistas. Descubro que as luminárias de Poul Henningsen fazem tanto sucesso aqui que 50% dos dinamarqueses têm ao menos uma em casa.

– As pessoas gostam de apoiar as marcas dinamarquesas – explica Charlotte. – Querem algo feito à mão aqui mesmo. Nosso design é algo que valorizamos muito, temos orgulho desse trabalho, então, sim, investimos nisso. E desde a década de 1960, quando mais dinamarqueses passaram a ter casa própria e as mulheres passaram a trabalhar fora, foi *possível* investir mais em móveis e peças de design.

Sabendo que o Sr. Lego está atento à conversa e ansioso para estreitar nosso cartão de crédito “de emergência” britânico, peço a Charlotte que recomende cinco peças indispensáveis de design dinamarquês que satisfa-

çam meu “aficionado pela Escandinávia” e deixem nossa casa mais *hygge*. Com elegância, ela aceita o desafio.

– Eu começaria com uma ótima mesa de jantar de madeira para o dia a dia, mas que também sirva para conversas e para momentos de descontração – sugere. Estou quase me achando a tal por já ter uma mesa de carvalho para seis lugares, quando ela acrescenta: – E, na Dinamarca, normalmente a mesa deve ter pelo menos oito cadeiras, para poder receber muitas visitas.

Droga. Então está na cara que não somos sociáveis o bastante. “Comprar mais duas cadeiras”, anoto. “E talvez uma mesa maior.” Noto um brilho no olhar do Sr. Lego.

– Depois, eu investiria em uma poltrona feita à mão, como uma Arne Jacobsen, uma Hans Wegner ou uma Børge Mogensen – continua Charlotte. – Uma típica casa dinamarquesa também costuma ter uma luminária como a PH, de Poul Henningsen, ou a AJ, de Arne Jacobsen, ambas da Louis Poulsen. E há também o castiçal Kubus, que é uma coisa bem típica da Dinamarca e está presente em muitos lares. Por fim, eu provavelmente compraria uns jogos de pratos da Royal Copenhagen.

Olho para a pilha da nossa louça quase-branca da Ikea ao lado da lava-louça e percebo que temos muito trabalho pela frente.

– Certo – respondo, animada, decidida a “des-Ikea-lizar” nossa casa. – E os dinamarqueses ficam felizes por estarem cercados por tantas peças de design incrível? – pergunto.

O Sr. Lego já está com um braço enfiado no casaco e procurando a chave do carro para iniciar suas comprinhas terapêuticas.

– Acho que sim – diz Charlotte. – Quando nos cercamos de um design de qualidade, isso influencia nosso humor. Se o que nos rodeia é agradável, nos sentimos aconchegados, seguros. E isso nos deixa mais felizes.

Pergunto se ela é feliz.

– Ah, sim, eu diria que nove de dez, pois sempre cabe uma coisa a mais.

– Tipo o quê? – a pergunta me escapa.

– Isso é pessoal – responde ela.

Por um instante, temo ter sido indiscreta, mas ela logo se abre e revela:

– Eu gostaria de morar à beira-mar e que o meu namorado me pedisse em casamento. Aí, sim, eu seria dez!

Agradeço a Charlotte e me despeço. Em seguida, olho para meu marido,

agora lutando para enfiar uma bota no pé, a silhueta recortada contra a vista panorâmica de um mar perfeito, tingido de rosa antigo naquele entardecer. *Talvez eu devesse começar meu Projeto Felicidade tentando ser mais grata pelo que tenho*, penso com carinho.

Nesse momento, o Sr. Lego escreve “ANDA LOGO!!” num post-it e cola no meio da minha testa. Caio na real e descarto rapidamente a ideia de passar os próximos doze meses valorizando cada toalha molhada largada na cama e cada vez que ele não consegue localizar o cesto de roupa suja. Em vez disso, pego o casaco e saio.



Vamos às compras com “C” maiúsculo, apesar do bancário Allan, com dois “I”s. O Sr. Lego já está mais felizinho assim que instala as novas aquisições, e, nos dias seguintes, nossa casa começa a ganhar uma carinha de lar. Também tento pensar mais positivo, mas meu projeto pessoal Poliana sofre alguns reveses.

Eis que cometo minha primeira gafe dinamarquesa: descarto papel na lixeira de reciclagem errada. Isso leva à minha primeira interação com nossos novos vizinhos, quando dois senhores barbudos batem à minha porta às oito da manhã de uma segunda-feira. Ainda não estou vestida nem tive chance de ligar a cafeteira, ou seja, não estou em condições de receber visitas. No entanto, Sr. Barba e Sr. Barba não arredam o pé. Tocam a campainha insistentemente até que, como não temos onde nos esconder por morarmos em uma casa de vidro, não me resta opção senão atendê-los. Encolhidos em jaquetas com capuz e piscando por trás de óculos de fundo de garrafa surpreendentemente pouco escandinavos, eles começam a falar dinamarquês, até que consigo explicar que ainda não aprendi a língua. Eles acabam cedendo. O Sr. Barba I me diz, num inglês hesitante, que “os vizinhos” (coletivamente) notaram que a lixeira de reciclagem estava mais cheia que o normal e, por isso, vasculharam o lixo para descobrir o culpado. Como prova, o Sr. Barba II apresenta uma conta manchada de chá no nome do Sr. Lego. Passado o estranhamento com o fato de meus novos vizinhos terem mexido na nossa lixeira (ou na lixeira *deles*, como descobrimos depois), pergunto educadamente onde eles gostariam que eu colocasse

meu papel descartado. Eles apontam para uma lixeira idêntica à que eu estava usando, apenas alguns metros mais à esquerda.

Puxão de orelha recebido, prometo me esforçar mais na próxima vez – e, de quebra, recebo uma lição sobre separação de lixo. Os dinamarqueses, ao que parece, são admiravelmente obcecados por reciclagem. Quase 90% das embalagens são recicladas, e papel, latas, garrafas, alimentos e resíduos orgânicos têm locais próprios para descarte. Descobrir onde cada tipo de lixo deve ir é uma arte que ainda não dominei, mas percebo que a cabine no supermercado parecida com algo saído de *Doctor Who* serve para garrafas. Numa tarde, colocamos uma lá por acaso e ficamos maravilhados com o show de luzes improvisado que se inicia. A garrafa é escaneada para calcular o valor de reutilização, e a máquina mágica devolve um voucher, equivalente a 20 centavos de dólar, para nossa próxima compra. Fico empolgadíssima com isso.

Não são apenas motoristas de Prius, fãs de cânhamo ou hipsters que se preocupam com o meio ambiente na Dinamarca. Aqui, ser ecológico é visto como um dever básico – parte essencial de ser membro da sociedade dinamarquesa. Inspirada pelo entusiasmo dos meus vizinhos, inicio uma pequena investigação e descubro que a Dinamarca foi o primeiro país do mundo a criar um Ministério do Meio Ambiente, em 1971. Hoje, a indústria dinamarquesa de energia limpa está entre as mais competitivas do planeta, e 30% da eletricidade do país vem do vento. Em 2013, a Dinamarca recebeu o prêmio mais prestigiado do World Wildlife Fund, o “Presente para a Terra”, por sua liderança inspiradora e por estabelecer as metas climáticas e de energia renovável mais ambiciosas do planeta. Também foi eleita, por dois anos consecutivos, o país mais amigo do clima pelo Índice de Desempenho em Mudanças Climáticas da ONU. O governo dinamarquês pretende reduzir em 40% suas emissões de CO<sub>2</sub> até 2020,\* e o Ministério do Meio Ambiente estabeleceu uma meta coletiva: uma “Dinamarca sem lixo” até 2050 – quando tudo deverá ser reutilizado ou reciclado. Em um momento no qual muitos países estão recuando em seus compromissos ambientais, os dinamarqueses seguem elevando o nível e, ao que tudo indica, estão no caminho certo para cumprir suas metas.

---

\* A Dinamarca não só atingiu, como superou a meta de redução. O país reduziu as emissões de gases de efeito estufa em aproximadamente 42% de 1990 a 2020. (N. da E.)

Impressionada, decido cumprir minhas obrigações cívicas de reciclagem com rigor e orgulho. Mal posso esperar para contar essa minha epifania aos Srs. Barba e Barba quando eles voltarem, uma semana depois, para verificar se estou colocando minhas latas no lugar certo. Eles acenam aprovando minha epifania ambiental e se afastam o mais rapidamente que conseguem.



Fora isso, ninguém fala com a gente. Se eu esperava que o país mais feliz do mundo fosse acolhedor, estava enganada. Sinto falta de Londres. Sinto falta do barulho. Se antes eu trabalhava ao som dos motores dos aviões no corredor aéreo de Heathrow ou das sirenes correndo atrás dos criminosos da cidade, agora passo o dia ouvindo o canto dos pássaros, tratores... ou pior: nada. O lugar é tão calmo que a trilha sonora do meu dia muitas vezes é um zumbido distante – herança de uma adolescência imersa em shows barulhentos. Nosso cachorro finalmente chega do Reino Unido, mas fica tão apavorado com os veados, lebres e raposas que frequentam o jardim que se recolhe na lavanderia, choramingando, e só se acalma quando a máquina de lavar entra no ciclo de centrifugação. E, quando ele finalmente se adapta, passamos três noites sem dormir por causa das *corujas*.

Estou com saudade dos meus amigos e percebo que reclamar das corujas por FaceTime não tem a mesma graça que fazer isso com uma taça de vinho na mão. Eu sabia que precisaríamos nos adaptar. Tínhamos nos convencido de que seria algo “libertador”, que nos forçaria a experimentar coisas novas, conhecer pessoas e expandir nossos horizontes. Mas nada disso parece tão animador quando estamos *novamente* sentados em casa, sozinhos, pensando em como começar uma vida social no novo país.

– Se a Dinamarca tem uma população do tamanho do sul de Londres – digo ao Sr. Lego – e se reduzirmos nossa área de alcance para um raio de 20 quilômetros, nos restringindo à nossa faixa etária, o número de pessoas de quem *realmente podemos gostar* fica menor ainda. Ou seja: se a possibilidade de fazer amizades já é pequena, vamos simpatizar com pouca gente.

– É... – responde o Sr. Lego, com ar de incerteza.

Espero que ele me tranquilize. Mas, em vez disso, ele diz:

– E pode ser que *eles* não gostem da gente. Talvez já tenham amigos suficientes... como nós tínhamos em Londres.

*Ótimo. Agora me sinto muito melhor!*

– Vai ficar tudo bem – diz ele, por fim, se aproximando no sofá e me envolvendo em seu braço. – Só precisamos conhecer melhor o lugar. Você deveria sair mais, conhecer pessoas.

Talvez ele tenha razão. Trabalhar de casa e socializar só por Skype ou FaceTime não deve fazer bem para ninguém. Mas o sistema de transporte público de Cafundó-à-Beira-Mar também não colabora. Desde que o Sr. Lego passou a usar nosso único meio de transporte – um Legomóvel alugado – para ir ao trabalho, venho sofrendo com o frio e a frustração de depender de ônibus e trens que só aparecem quando querem. Decido que chegou a hora de comprar um carro por aqui.

Por ter vindo do Reino Unido, tenho certa vantagem: posso dirigir nas estradas dinamarquesas sem precisar fazer nenhuma prova. A maioria dos estrangeiros de fora da União Europeia precisa. Desde 2013, cidadãos de países com nível de segurança viária considerado “comparável” ao da Dinamarca podem apenas trocar a habilitação, mas há regras: o exame precisa ter sido feito depois dos 18 anos (eliminando a maioria dos americanos, que tiram a carteira aos 16) e a pessoa não pode ter recebido nenhuma multa nos últimos cinco anos.

Como tudo na Dinamarca, ter um carro não é barato. Carros novos têm 180% de imposto sobre vendas, o que os torna quase três vezes mais caros que no Reino Unido. Um modelo *hatch*, que no Reino Unido custa 10 mil libras, sai por cerca de 30 mil libras por aqui – e os preços inflacionados também se aplicam aos usados.

– É por isso que a maioria das pessoas anda por aí em “caixas de fósforos”? – pergunto ao Sr. Lego, ainda digerindo a informação.

– Acredito que sim. Você acha que vai conseguir? Digo, comprar o carro?

– Claro – respondo, sem muita convicção, mas achando que isso é algo que uma mulher adulta do século XXI deve ser capaz de fazer.

Munida de coragem, parto para a concessionária mais próxima. Descubro que um voo para Londres sai mais barato do que uma corrida de táxi de vinte minutos na Jutlândia, então acabo me rendendo ao ônibus – mais uma vez. Duas horas depois, chego relativamente ileso ao showroom e sou

recebida pelo cheiro de couro sintético, aromatizador de carro e loção pós-barba vagabunda.

Meu orçamento me permite apenas duas opções de veículo. O primeiro é uma lata amassada com rodas, que, a julgar pelo aspecto e cheiro, parece ter servido de moradia e banheiro para uma família de animais selvagens. O segundo é um simpático modelo vermelho-tomate, que me lembra um carrinho de mobilidade. Não me apaixono à primeira vista, mas, depois de uma volta no quarteirão, descubro que: a) ele anda e b) o banco mais elevado me permite olhar de cima para os outros motoristas, novidade para uma britânica de 1,60 metro num país de vikings.

– Vou levá-lo – digo ao vendedor.

Ele me entrega um contrato de nove páginas, em dinamarquês. Pergunto se posso levar o documento para analisar ou pelo menos estudá-lo com um dicionário bilíngue por perto, mas ele se oferece para traduzir. Não sei avaliar se isso é normal, mas, segundo meu guia, há regras comerciais rigorosas para concessionárias de carros usados na Dinamarca, e os vendedores não recebem comissão. Então presumo que é improvável que ele tente me passar a perna. Ele não tem muito a ganhar sendo desonesto. *Bom, ajoelhei, tenho que rezar*, penso.

Eu agradeço, e ele me explica como é a transação, que inclui alguns zeros a mais do que eu esperava.

– E esses números todos se referem *a quê?* – pergunto, apontando para uma assustadora linha de zeros na página quatro.

– Ah, isso é para os pneus de inverno.

Ao que parece, na Dinamarca não são só as almofadas que mudam conforme a estação. Os pneus de inverno, embora não sejam obrigatórios, são recomendados. Desembolsar mais 5 mil coroas dinamarquesas (aproximadamente 850 dólares) para evitar cair de cabeça numa vala em estradas congeladas e desconhecidas me parece um bom investimento. Aponto para outra sequência de números e pergunto do que se trata.

– É para a montagem dos pneus de verão e para guardar os de inverno no “hotel de pneus” a partir da primavera.

*Os pneus têm um hotel só para eles na Dinamarca? Meu Deus, o padrão de vida daqui realmente está em outro patamar...*

– E eu preciso mesmo disso tudo? – pergunto.

– Olha, nós recomendamos que os pneus sejam armazenados em um local seguro e instalados por alguém que entenda do riscado – responde ele.

– Certo... – penso, já calculando se conseguiria economizar usando a) o Sr. Lego e b) o galpão. Decido arriscar.

O vendedor aponta para outro número.

– Isso é para a placa veicular.

– Ué, ela não está incluída?

– Não! – responde, achando graça. – Se fosse assim, todo mundo ia saber a idade dos carros!

– Sério?

O sorriso desaparece, e percebo que ele está falando muito sério.

– Cada motorista recebe placas novas, com números e letras gerados aleatoriamente.

A igualdade, ao que parece, é tão fundamental na Dinamarca que nem a idade do carro pode ser revelada. É de se admirar, claro, mas tenho certeza de que qualquer pessoa com metade de um cérebro vai notar que o meu “tomate da mobilidade” não é bem o último grito do design automotivo. E me incomoda ter que pagar para fingir que é.

– Também tem o imposto de registro, o imposto ecológico, o imposto compensatório... – Quase consigo ver a cara de repúdio de Allan, aquele com dois “I”, balançando a cabeça em desaprovação enquanto assino rapidamente e saio.

Nos dias seguintes, descubro que o “tomate da mobilidade” trepida se passar dos 70 km/h, emite um bipe agudo caso eu não esteja com a rádio pública dinamarquesa sintonizada e tem limpadores de para-brisa que apenas arrastam a sujeira de um lado para o outro, borrando completamente meu campo de visão. Mas ele é meu. Todo meu. As aventuras começam agora.

### Coisas que aprendi neste mês:

1. Em janeiro faz muito, *muito* frio na Dinamarca.
2. Dinheiro pode não comprar felicidade, mas compra carros, castiçais e guloseimas absurdamente gostosas.
3. Corujas são BARULHENTAS.
4. Ser imigrante não é para os fracos.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[sextante.com.br](http://sextante.com.br)



Este e outros títulos do nosso catálogo estão  
disponíveis em audiolivro.